

INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA PELA LÍNGUA: ÓDIO E INTOLERÂNCIA NOS DISCURSOS DE BOLSONARO¹

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar o discurso intolerante e de fomento ao ódio do presidente Jair Bolsonaro à luz da Análise de Discurso Crítica. Essa proposta surgiu da necessidade científica de se refletir acerca da naturalização (TEO, 2000) como o chefe do Estado brasileiro tem externado incitações ao ódio contra as minorias como índios, negros, nordestinos, políticos da oposição, justiça, mulheres, comunidade LGBTQI+, dentre outros incontáveis alvos. O grande objetivo deste trabalho é analisar, sob a ótica da Análise de Discurso Crítica, os mecanismos linguístico-semióticos e de hegemonia e poder como se dá essa naturalização, e, sobretudo, como desnaturalizá-la. A metodologia adotada será demarcada pelos aportes e encaminhamentos multiteóricos, multimetodológicos e transdisciplinares da ACD, a partir da análise e discussão dos discursos produzidos pelo sujeito da pesquisa, tendo a abordagem da pesquisa qualitativa.

Palavras-chave: Violência linguística. Minorias. Análise de Discurso Crítica. Bolsonaro.

Abstract: The present study aims to analyze the intolerant and hate speech of President Jair Bolsonaro in the light of Critical Discourse Analysis. This proposal arose from the scientific need to analyze naturalization (TEO, 2000) as the head of the Brazilian State has expressed incitement to hatred against minorities such as Indians, blacks, Northeasterners, opposition politicians, justice, women, the LGBTQI+ community, among others. countless targets. The main objective of this work is to analyze, from the perspective of Critical Discourse Analysis, the linguistic-semiotic and hegemony mechanisms and how this naturalization takes place, and, above all, how to denaturalize it. The methodology adopted will be demarcated by the multi-theoretical, multi-methodological and transdisciplinary contributions and referrals of the ACD, based on the analysis and discussion of the speeches produced by the research subject, taking the qualitative research approach.

Keywords: Linguistic violence. Minorities. Critical Discourse Analysis. Bolsonaro.

Joaquim Cardoso da Silveira Neto¹

Taysa Mércia dos Santos Souza

Damaceno²

1 Universidade Federal de Sergipe (UFS), doutorando em Letras pelo PPGL/UFS, professor da educação básica pública e pesquisador dentro do campo dos Estudos Críticos do Discurso. E-mail: joaquim.letas@hotmail.com

2 Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS), doutora em Linguística Aplicada (PPgEL/UFRN). Contato: taysamercia@academico.ufs.br

INTRODUÇÃO

Introduzindo a discussão

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.”

– Paulo Freire

Venho selecionando e registrando

determinadas afirmações do presidente Bolsonaro, sujeito da pesquisa do presente estudo, em uma provável tentativa de naturalização do ódio e do preconceito contra todas as minorias linguísticas ou não. Principalmente, a partir da afirmação do *inominável* e que “As minorias têm que se

¹ Este trabalho é produto das leituras e análises prévias do objeto da tese, sob orientação da profa. Dra. Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno. São algumas reflexões preliminares.

curvar às maiorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”. Assim, entendi que a ACD apresentava uma dimensão crítica aos estudos linguísticos, e isso me cativava a adentrar neste universo e, também, tentava contribuir. Mas, certamente, o que mais saltava aos olhos era uma tentativa de ‘naturalizar’ o desprezo por nordestinos, mulheres, LGBTQI+, negros, opositores políticos dentre tantos outros. Então, fui arquivando entrevistas em revistas, TV aberta e fechada e rádios, ou mesmo falas espontâneas de Bolsonaro nos últimos anos.

Diante das colocações acima, e considerando a perspectiva da ACD, em Fairclough (2001, 2005), cada evento discursivo deve ser analisado sob três dimensões ou ângulos interdependentes: o texto, buscando sua descrição; as práticas discursivas, almejando sua interpretação; e as práticas sociais, que envolvem sua explicação.

No nível textual, a descrição inclui o léxico, as opções gramaticais, a coesão e a estrutura do texto. Já na dimensão da análise como prática discursiva, interpretar o texto se dá em termos de sua produção, distribuição e consumo (Fairclough, 2001, 2005). Por fim, a dimensão de análise do evento discursivo como prática social busca, por sua vez, explicar de que modo o texto se reveste de aspectos ideológicos e formas de hegemonia (Meurer, 2007). A

análise das práticas sociais pode ser entendida, como aponta Pedro (1997), como a distinção principal entre a ACD de outras abordagens linguísticas.

Assim, na dimensão tridimensional da ACD faircloughiana, a análise de aspectos da língua, ou seja, sua discussão metodológica, não se separa da teoria social do discurso que a embasa. Isso porque a análise das práticas sociais toma por base a descrição (análise textual) e a interpretação (práticas sociais) dos eventos discursivos.

O presente texto encontra-se no âmbito da área dos Estudos Linguísticos (Halliday, 1979; Dillinger, 1991; Fairclough, 2001, 2010; Charaudeau, 2005; Ramalho e Resende, 2011; Wodak, 2010), e se insere em uma abordagem qualitativa e interpretativa de ótica analista crítica. Centraliza seus esforços na compreensão acerca do discurso de intolerância e na maneira como é aplicado no intuito de se tornar naturalizado, legitimando o abuso do poder da elite hegemônica sobre a minoria, especificamente, nos discursos produzidos pelo presidente Jair Messias Bolsonaro.

O tema aqui defendido justifica-se em sua importância porque é atual e possui relevância nacional, visto que estamos tratando do discurso de um sujeito que representa mais de 200 milhões de brasileiros. Ele se propõe a discutir e refletir sobre a naturalização do

discurso de ódio e de intolerância de um presidente que se diz democrático. Para Fairclough e Kress (1993, p. 4), “as estruturas dominantes estabilizam as convenções e as naturalizam, isto é, os efeitos da ideologia e do poder na produção de significados são mascarados, e assumem formas estáveis e naturais: eles são tomados como ‘dados’”.

Essa proposta torna-se relevante a partir do momento em que são considerados:

- i) o sujeito/lugar social/discursivo ocupado por ele (presidente da nação),
- ii) as plataformas de ampliação/holofote de seus discursos (redes sociais² com seus milhões de seguidores/admiradores ou não: Instagram; Facebook; Youtube; Twitter; Telegram),
- iii) o humor aplicado por ele quando externa a intolerância e
- iv) a referência recebida (mito).

Diante de tudo o quanto temos de discursos de Bolsonaro, o presente estudo se lança à missão de responder aos seguintes problemas:

- a) Como se dá a naturalização do discurso de intolerância e ódio nas redes sociais do presidente Jair Messias Bolsonaro, considerando suas plataformas sócio-comunicacionais e a posição/lugar de maior

líder?

- b) Quais discursividades e sentidos são arrolados por Bolsonaro em suas produções de fala?

- c) Quais antagonismos e relações abusivas de poder são mobilizados por meio da “vontade de verdade” no discurso de intolerância do presidente como meio de incitação e de naturalização do menosprezo pelas minorias?

- d) Como o discurso de Bolsonaro tem revelado as estruturas e a relações abusivas de poder na sociedade contemporânea brasileira?

O objetivo geral é o de descrever para desnaturalizar o discurso de intolerância de Bolsonaro. Já os específicos são discutir os conceitos de naturalização e de desnaturalização frente às categorias da ACD; refletir sobre os elementos circundantes e constituintes do sujeito do discurso: lugar de presidente, redes sociais, humor empregado e a referência recebida; descrever os sentidos que fizeram funcionar como naturais os discursos de Jair Bolsonaro; apresentar a forma como as relações de poder e o discurso de intolerância são exercidas sobre os estatutos e procedimentos que são utilizados nas relações entre sujeito, discurso e sociedade; categorizar e analisar os discursos do presidente sobre a

² As disputas de poder sempre foram decididas pelas batalhas no imaginário das pessoas; isso quer dizer: pelo controle dos processos de informação e de comunicação que moldam a mente humana [...] O papel predominante da *política de mídia* tem duas consequências: constituem espaço de poder [...] e isso requer compreensão da dinâmica das mídias de massa de um núcleo de rede multimídia; segundo: personalização da política (Castels, 2018, p. 25-6).

mulher, os negros, os LGBTQ+, justiça, direitos humanos, opositores políticos, levando-se em consideração a naturalização pretendida pelo sujeito em suas materialidades linguísticas coletadas.

O MACROCONTEXTO SOCIAL INICIAL DE REFLEXÃO E ANÁLISE

“a posse de um termo não dá existência a um processo ou prática; do mesmo modo, uma pessoa pode praticar a teorização sem jamais conhecer/possuir o termo.”
– HOOK

Assim, esta discussão tem como recorte temporal inicial (contexto social inicial³) o ano de 2013, no qual o Brasil teve suas ruas e avenidas tomadas por milhões de cidadãos que protestavam contra o aumento de “20 centavos” nas passagens de ônibus, entretanto, esse valor sofreu profunda mudança em seu significado (ressignificado), passando do âmbito financeiro para o motivo de manifestações políticas em todas as capitais e principais cidades país a fora. Esse foi o ambiente de produção social e de produção de discursos em que apareceu o “mito da mudança” contra um “suposto sistema social e político falido”, portanto, era necessário

nascer um “salvador da pátria que fosse honesto, bom, sincero, um mito”, a fim de satisfazer aos anseios de toda uma nação.

Nesse meio tempo, uma presidenta eleita democraticamente foi deposta por meio de um golpe, surgindo, então, uma figura emblemática e polêmica, que sempre externou discursos extremamente machistas, intolerantes contra políticos da esquerda, STF, índios, brasileiros LGBTQI+, mulheres, citando apenas algumas representatividades. Esse sujeito é Jair Messias Bolsonaro, que acabou sendo eleito presidente em 2018, posição de maior responsabilidade e poder em nossa estrutura democrática. Vale destacar aqui que os assessores do presidente dizem que ele se vale da “liberdade de expressão”, do “bom humor” e de uma “autenticidade incomum” toda vez que manifesta discursivamente esse ódio.

CONTRIBUIÇÕES DE FAIRCLOUGH PARA A ANÁLISE CRÍTICA DA LINGUAGEM

Como Fairclough (2005, 2008) observa, os discursos e os elementos não discursivos constituem facetas distintas da realidade social, mas que mantêm relação dialética entre si. Isso

³ De entre las numerosas maneras en que la estructura social queda implicada en una teoría sociolingüística, 3 son las que destacan. En primer lugar, la estructura social define y da significación a los diversos tipos de contexto social en que se intercambian los significados; los diferentes grupos sociales y las redes de comunicación que determinan lo que hemos llamado “tenor” (Halliday, 1979, p. 149).

porque os elementos não discursivos da realidade social também são construídos socialmente por meio do discurso, incorporando ou internalizando certos elementos discursivos, sem, contudo, serem redutíveis a estes (Fairclough, 2005). Não estamos diante, portanto, de um método de análise do discurso, uma ferramenta de análise simplesmente, mas de um método acompanhado de uma teoria social do discurso, a dialética do discurso de Fairclough (1985, 2001, 2008, 2010).

De acordo com Fairclough (2011), toda prática social é composta por elementos como os sujeitos e suas relações sociais, as atividades, os objetos, instrumentos, tempo e lugar, valores, formas de consciência e discurso. Tais elementos, embora distintos entre si, são indissociáveis dentro da vida social (Fairclough, 2005, 2008, 2010). Portanto, o discurso se coloca, nessa abordagem, como o uso da linguagem (falada, escrita e comunicação não verbal), um modo de prática social, ou modo de ação sobre a sociedade e sobre o mundo, bem como um componente das práticas sociais interconectado aos demais

elementos que também as compõem (Fairclough, 2001; Resende & Ramalho, 2011).

Desse modo, quanto às falas do presidente, esperava-se que, a partir do momento em que fosse eleito e ocupasse um lugar de tão grande visibilidade mundial, tivesse mais polidez positiva, entretanto, somos surpreendidos com discursos cada vez mais preconceituosos e intolerantes. Revelam-se, por meio de seus discursos, os mecanismos usados pelo presidente no intuito de tornar a intolerância e o ódio naturalizados, performatizados⁴, forjados, comuns e aceitáveis, e, assim, nossa missão é desnaturalizá-los.

A ACD, com seu delineamento transdisciplinar, proporciona que se façam análises de textos, pois compreende a “linguagem como uma forma de prática social” (Fairclough, 1989, p. 20), tendo a finalidade de “desvelar os fundamentos ideológicos do discurso que se têm feito tão naturais⁵ ao longo do tempo que começamos a tratá-los como comuns, aceitáveis e traços naturais do discurso” (TEO, 2000). Somando-se a esse

⁴ É necessário pesquisar o que alguns autores chamam de “poder performativo” da “nova vulgata planetária”: seu poder de “forjar as realidades que afirma descrever”. Como este discurso vem a ser encenado em modos de ação e interação (incluindo gêneros) e inculcado em modos de ser (incluindo estilos)? A pesquisa desta questão crucial requer investigação detalhada da mudança organizacional e institucional em bases comparativas, como no estudo coordenado por Salskov-Iversen (2000) acerca da colonização/apropriação discursiva contrastante do “gerenciamento público” por autoridades locais no Reino Unido e no México, desde que inscrita na teoria dialética aqui esboçada (Fairclough, 2010, p. 232).

⁵ Wodak (2004, p. 230) afirma que, “como ilustra Fowler, mecanismos gramaticais sistemáticos possuem a função de estabelecer, manipular e *naturalizar hierarquias sociais*” (grifos nossos).

propósito, nas palavras de Resende e Ramalho (2006, p. 18), “para a ADC, importam, dentre as discussões foucaultianas, sobretudo, o aspecto constitutivo do discurso, a interdependência das práticas discursivas, a natureza discursiva do poder, a natureza política do discurso e a natureza discursiva da mudança social”. Conforme Wodak (2004, p. 103):

Apenas a investigação interdisciplinar poderá lograr que relações tão complexas pareçam mais transparentes. Em uma investigação desse tipo, a análise de discurso, e mais concretamente a Análise de Discurso Crítica (ADC), não é mais que um dentre os elementos de múltiplos enfoques de que necessitamos. Não apenas devemos concentrar-nos nas práticas discursivas, mas também devemos nos ocupar de uma ampla gama de práticas materiais e semióticas. Desse modo, a investigação em ADC deve ser multiteórica e multimetodológica, crítica e autocrítica.

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: REFLEXÃO PRELIMINAR

A Análise Crítica do Discurso⁶ é um procedimento teórico e metodológico

transdisciplinar de compreensão da linguagem no contexto social, na interação e conexão da Ciência Social Crítica (CSC) e a Linguística Sistêmica Funcional (LSF). “A transdisciplinaridade⁷ é necessária a abordagens que investiguem o uso da linguagem em sociedade, pois não há uma relação externa entre linguagem e sociedade, mas uma relação interna e dialética” (Resende, 2006, p. 1070).

Essa visão aproxima posturas teóricas que tratam da estrutura e da ação social, proporcionando às Ciências Sociais fundamentos de análise textual. Como afirma Pedrosa (2015, p. 2), a ACD propõe-se a uma “leitura do social”. Vale ressaltar que o período entre 2013 e 2014 foi salutar para determinadas mudanças sociais e políticas no Brasil. No entendimento de Pedrosa (2015, p. 2, apud Fairclough, 2008), “As análises sobre as mudanças sociais passam a ser foco de estudos em que se tomava o discurso (e o texto) como objeto para identificar o papel da linguagem na estruturação das relações de poder na sociedade”. Para Segundo (2014, p. 1283):

⁶ A Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) se baseia na concepção da semiose como elemento inseparável de todos os processos sociais materiais (Williams, 1977). Podemos pensar a vida social como redes interconectadas de práticas sociais de diferentes tipos: econômicas, políticas, culturais, familiares etc. Centrar o conceito de “prática social” permite o movimento entre as perspectivas da estrutura social, de um lado, e da ação social e da agência, de outro, ambas necessárias à pesquisa social e à análise (Chouliaraki & Fairclough, 1999) (Fairclough, 2010, p. 225).

⁷ Sobre o conceito de multidisciplinaridade de análises discursivas, Maingueneau (2007, p. 18) afirma que “Nessa perspectiva, defendi a ideia (Maingueneau, 1995) de que o discurso somente se torna verdadeiramente objeto de um saber se ele for assumido por diversas disciplinas que possuem cada uma um interesse específico: sociolinguística, teorias da argumentação, análise do discurso, análise da conversação, análise crítica do discurso (a «CDA» anglo-saxã), etc” (Maingueneau, 2007).

Se o foco da ACD encontra-se nas relações sociais mediadas pela semiose, entender o discurso como categoria discreta é isolá-lo do seu potencial socialmente estruturado e estruturante. O poder é, frequentemente, legitimado por meio do discurso, embora não seja a ele limitado. Uma categoria se imbrica na outra. A questão ideológica é um claro exemplo de tal complexidade.

Agora, emerge a figura Bolsonaro, que sempre colecionou centenas de afirmações polêmicas ao longo de sua trajetória política, sempre declarando abertamente, por meio da linguagem verbal e não-verbal, “suas verdades” e sua “vontade de verdade”, isso se dá até nos dias atuais em que era aguardada uma postura menos agressiva quanto ao conteúdo de intolerância a vários grupos sociais. Suas falas exalam fake news, ódio, preconceitos, intolerâncias, etc.

Dentre os inúmeros focos de suas *falas/discursos intolerantes*, encontram-se aqueles que não aceitam seu governo, políticas públicas, bem como grupos sociais, por exemplo, gays, índios, negros, políticos da oposição, judiciário, mulheres, imigrantes. Suas falas produziram incontáveis processos no Conselho de Ética na Câmara dos Deputados, vários pedidos de cassação e punições ao

pagamento de multas por danos morais.

Conforme Pedrosa (2015, p. 2 apud Wodak, 2004), “Assim, a ADC ocupa-se, essencialmente, de análises que abrangem as relações de dominação, de discriminação e de (abuso de) poder e controle, na forma como elas se manifestam por meio da linguagem”. Ante este posicionamento e ótica teórica, “a linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente” (Pedrosa, 2015, p. 2).

Fairclough (1989, p. 15) ressalva que “a língua conecta com o social sendo o domínio primário da ideologia e sendo tanto o interesse principal como o lugar em que têm lugar as lutas de poder”. É preciso que se façam reflexões analíticas bem como sistematizar acerca dos processos sociais de produção de discursos e de textos “como uma descrição das estruturas sociais e os processos nos quais os grupos ou indivíduos, como sujeitos históricos, criam sentidos em sua interação com textos” (Wodak, 2003, p. 19 apud Pedrosa, 2015).

A ADC propõe-se a “aprofundar o estudo do papel da linguagem nas articulações das práticas sociais⁸, principalmente, no

⁸ A expressão “prática social” dá conta de uma forma relativamente estabilizada de atividade social, como o ensino nas salas de aula, as notícias na TV, as refeições em família e as consultas médicas. Toda prática é uma articulação de elementos sociais diversos em uma configuração relativamente estável, sempre incluindo o discurso. Toda prática inclui os seguintes elementos: Atividades; Sujeitos e suas relações sociais; Instrumentos; Objetos; Tempo e lugar; Formas de consciência; Valores Discurso (Fairclough, 2010, p. 225).

contexto atual da mundialização da comunicação e do comércio, conhecido como globalização” (Batista Jr; Sato; Melo, 2018, p. 12). É importante destacar que os discursos intolerantes do presidente Bolsonaro encontram-se no cerne da “mundialização da comunicação”, pois ele é a 3ª figura política do mundo que possui mais seguidores em suas redes sociais⁹ (tecnologias de poder), e isso significa dizer que tudo o que diz ganha uma amplitude imensurável, sobretudo, no que diz respeito ao processo da naturalização da citada intolerância. O que mais tem impressionado é que ele sabe da importância do papel de líder de uma nação (posição de sujeito) há muito subjugada, porém, seus aliados e principais assessores afirmam categoricamente que o presidente “esbanja bom-humor” e é “autêntico” com esse discurso de intolerância. O próprio STF, em decisão¹⁰, disse que o presidente fez uso da “liberdade de expressão”, quando foi denunciado por preconceito racial ao se referir aos negros de um quilombo de maneira pejorativa e desrespeitosa.

Esta discussão está alicerçada, como

está claro, na proposta analítica da Análise Crítica do Discurso, pois é sabido que a ACD postula que o pesquisador nem a investigação podem ficar neutros/distantes e sem interação e interlocução com todo o processo. Para Fairclough (2008, p. 246), “os analistas não estão acima da prática social que analisam; estão dentro dela”. Então, podemos dizer que é possível analisar as mudanças sociais e as mudanças discursivas via ACD. Para Fairclough (2006, p. 34):

Os efeitos dos discursos como forças causais em uma mudança social são subordinados a vários fatores: se eles são ou não apropriados em estratégias bem-sucedidas, o quanto estão bem enraizadas nas práticas e ordens sociais existentes e o quanto condizem bem com as experiências práticas das pessoas na vida social, e se certas condições econômicas, políticas e sociais existem.

Podemos entender, a partir do posicionamento acima, que as mudanças não acontecem como que por coincidência, nem por acaso, pois, em ACD, não existe nem um nem outro, mas, sim, o que há é processo

⁹ A análise de Foucault das tecnologias de poder pode ser estendida ao discurso. Podemos referir produtivamente a ‘tecnologias discursivas’ (Fairclough, 1989a: 211-223) e a ‘tecnologização do discurso’ (Fairclough, 1990b) como características de ordens de discurso modernas. Exemplos de tecnologias de discurso são entrevista, ensino, aconselhamento e publicidade. Ao denominá-las tecnologias do discurso, quero sugerir que na sociedade moderna, elas têm assumido e estão assumindo o caráter de técnicas transcontextuais que são consideradas como recursos ou conjunto de instrumentos que podem ser usados para perseguir uma variedade ampla de estratégias em muitos e diversos contextos. As tecnologias discursivas são cada vez mais adotadas em locais institucionais específicos por agentes sociais designados (Fairclough, 2001, p. 264).

¹⁰ A decisão do STF está em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=750302384>

mútuo e bem coordenado de mudança de suas produções sociais, de discurso e de sentidos. Isto é, as mudanças vão se efetivando na vida social e vão sendo reveladas nas produções discursivas, portanto, elas não podem ser analisadas separadamente das questões culturais, políticas, sociais, do direito, econômicas e, até mesmo, psicológicas.

A análise crítica do discurso tem suas bases na apropriação conflitante dos recursos linguísticos e sociais, os quais estão sob o domínio institucional. Quanto ao discurso e aos acontecimentos comunicativos, é um subsídio crucial para a ACD, e seus analistas consideram o contexto discursivo numa ótica irrestrita, muito além dos fatores concernentes à gramática. Dentro deste breve contexto, quanto ao tratamento da temática da naturalização do discurso de intolerância proferido por Bolsonaro, citamos Wacquant (2002, p. 100), que diz que:

Bourdieu concebia uma Ciência Social unificada como um “serviço público” cuja missão é “desnaturalizar” e “desfatalizar” o mundo social e “requerer condutas” por meio da descoberta das causas objetivas e das razões subjetivas que fazem as pessoas fazerem o que fazem, serem o que são, e sentirem da maneira como sentem.

O ponto de vista da desnaturalização deve ser compreendido como um instrumento importante para o aperfeiçoamento de um

caráter investigativo, postura essencial a fim de refletirmos e analisarmos fenômenos discursivos e sociais entendidos como “comuns” e “normais” na produção da vida social. Tal percepção científico-investigativa deveria ser vista não somente como sendo uma problemática casual, porém como um elemento norteador de compreensões do modelo de produção no contexto social moderno. O significado de desnaturalização realmente é o contrário da atitude de o sujeito compreender que definitivamente tudo é “natural” e “normal”, no engano de achar que a “realidade” equivale milimetricamente aos discursos produzidos, isto quer dizer que o processo da desnaturalização fundamenta-se em analisar e, fundamentalmente, atribuir novos sentidos a determinada produção discursiva e social do mundo e da vida social.

Não estamos afirmando aqui que devemos desmerecer as coisas “simples”, no entanto, sim, compreendê-las como produção social construída no decorrer do tempo, podendo ser antiga ou recente. Em contrapartida, a desnaturalização do discurso de intolerância deve estar atrelada ao entendimento de que esse discurso foi tão disseminado como “natural” e talvez “um novo natural (um novo normal?)” que muitos começam a tomá-lo como se “realmente fosse verdadeiro”.

Sabemos que essa representatividade tipifica aspectos hegemônicos e de poder, dentro da prática social averiguada (Fairclough, 2003). Em suma, a soma desses procedimentos dará o caráter crítico, que é comum à Análise Crítica do Discurso, pois, com ela, é que se faz uma investigação crítica da linguagem relacionada às mudanças sócio-culturais em voga. Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 16) dizem que:

Entendemos a ACD tanto como teoria quanto como método: como um método de analisar práticas sociais com atenção especial aos seus momentos discursivos na junção de preocupações práticas e teóricas e esferas públicas apenas aludidas, em que meios de analisar “operacionaliza” – torna prática – construções teóricas do discurso na (modernidade tardia) vida social, e as análises contribuem para o desenvolvimento e a elaboração dessas construções teóricas (tradução livre).

Por fim, a partir do momento em que pensamos e discutimos alguns relevos acerca da identidade, da hegemonia e do poder presentes na naturalização do discurso de intolerância de Bolsonaro, a ACD e a LSF tornam-se necessariamente as bases que darão sustentação teórica e metodológica à análise discursivo-textual, nas opções léxico-gramaticais feitas como também variados elementos semióticos na construção do significado pretendido. No seu modelo de ACD, Fairclough (2006) abre o

leque e mostra o percurso a ser trilhado pelo analista do discurso crítico que abarca inter-relação linguagem e globalização. Ainda em conformidade com Fairclough (2006), a compreensão analítica tem que começar por meio da análise social e averiguar os elementos constitutivos da análise textual através da tríade de níveis de abstração apresentada no intuito de se efetivar a análise social, que são: eventos sociais; práticas sociais; e estruturas sociais.

Conforme Heberle (2000, p. 290), a Análise Crítica de Discurso se “constitui uma área multidisciplinar de estudos da linguagem, voltada para a investigação de fenômenos discursivos diversos, principalmente aqueles ligados a problemas de injustiça e opressão”. É no âmago desta afirmação categórica e assertiva em que se encontram todas as produções discursivas de Bolsonaro apresentadas aqui:

APRESENTAÇÃO DAS CATEGORIZAÇÕES DOS DISCURSOS DE INTOLERÂNCIA E ÓDIO DE BOLSONARO

Categoria 01 - Discurso desdemocratizante

D01 - “O erro da ditadura foi torturar e não matar” (2008 e 2016);

D02 - “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff [...] o meu voto é sim” (2016);

D03 - “Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também” (1999);

D04 - “Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só

vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil, começando com o FHC, não deixar para fora não, matando! Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente.” (1999).

Categoria 02 - Discurso deslegitimador

D05 - “A atual Constituição garante a intervenção das Forças Armadas para a manutenção da lei e da ordem. Sou a favor, sim, de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que este Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo (1999).

Categoria 03 – Discurso da necropolítica

D06 - “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre. Vou botar esses picaretas para correr do Acre. Já que gosta tanto da Venezuela, essa turma tem que ir para lá” (2018);

D07 - “Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria” (2018).

Categoria 04 - Discurso da necropolítica

D08 - “[O policial] entra, resolve o problema e, se matar 10, 15 ou 20, com 10 ou 30 tiros cada um, ele tem que ser condecorado, e não processado” (2018);

D09 - “Morreram poucos. A PM tinha que ter matado mil” (1992).

Categoria 05 – Discurso necrorreligioso

D10 - “Somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem” (2017).

Categoria 06 – Discurso necrogenericida

D11 - “Eu jamais ia estuprar você porque você não merece” (2003 e 2014). A frase foi dirigida à deputada Maria do Rosário (PT-RS), primeiro durante uma discussão nos corredores da Câmara em 2003, diante de vários jornalistas, depois repetida em 2014, dessa vez na tribuna da Casa. Em esclarecimento ao jornal Zero Hora na época, Bolsonaro disse que a colega “não merece (ser estuprada) porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria”;

D12 - “Por isso o cara paga menos para a mulher (porque ela engravida)” (2014);

D13 - “Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada, e veio uma mulher” (2017).

Categoria 07 – Discurso necrogenericida

D14 - “Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo” (2011);

D15 - “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?” (2010);

D16 - “90% desses meninos adotados [por um casal gay] vão ser homossexuais e vão ser garotos de programa com toda certeza”;

D17 - “Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, morre em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro” (2013).

Categoria 08 – Discurso necrocientífico

D18 - “O cara vem pedir dinheiro para mim para ajudar os aidéticos. A maioria é por compartilhamento de seringa ou homossexualismo. Não vou ajudar porra nenhuma! Vou ajudar o garoto que é decente” (2011).

Categoria 09 – Discurso colonizador

D19 - “Ele devia ir comer um capim ali fora para manter as suas origens” (2008).

Categoria 10 – Discurso zoomorfizador

D20 - “Fui num quilombola [sic] em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais” (2017).

Categoria 11 - Discurso segregacionista

D21 - “Quem usa cota, no meu entender, está assinando embaixo que é incompetente. Eu não entraria num avião pilotado por um cotista. Nem aceitaria ser operado por um médico cotista” (2011);

D22 - “Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso” (2018).

Categoria 12 – Discurso xenofóbico

D23 - “A escória do mundo está chegando ao Brasil como se nós não tivéssemos problema demais para resolver” (2015).

Categoria 13 - Discurso deslegitimador

D24 - “Se eu chegar lá, não vai ter dinheiro para ONG. Esses inúteis vão ter que trabalhar” (2017).

Categoria 14 - Discurso euro-canibalista

D25 - “Como eu estava solteiro na época, esse dinheiro do auxílio-moradia eu usava para comer gente (2018).

A partir das categorizações supramencionadas, podemos afirmar, de maneira introdutória quanto às problemáticas listadas por este trabalho:

- ✓ A naturalização do discurso odioso é potencializada pelos elementos sociais e discursivos formados pelo “lugar de fala” de presidente bem como pela rede que estrutura o poder político nas redes sociais;

✓ Para seus seguidores e apoiadores que pertencem ao âmbito político, o ex-presidente apenas externas nada mais nada menos que ‘opiniões pessoais’, mesmo que elas sejam desumanas e ‘financiem’ e alimentem e retroalimentem o ódio a partir da teia de poder, tornando-se, assim, uma prática discursiva aceitável, normalizada, naturalizada, embora completamente firmada num fanatismo ideológico;

✓ O grande e principal antagonismo que demarca uma desigualdade nas relações (abusivas) de poder está em o sujeito-abjeto ser o centro de todos os holofotes midiáticos e de toda a estrutura de suas redes sociais em combinação com redes sociais de seguidores representantes de ‘bolhas’ como a bolha evangélica, a bolha agropecuarista, a bolha sertaneja, a bolha da segurança pública, etc, etc. Concluimos, inicialmente, que esses macrogrupos, ao curtir, compartilhar e comentar, acabam por fortalecer a naturalização do ódio, do menosprezo, do desrespeito a todas as minorias tanto as citadas aqui quanto das não citadas por falta de páginas. Por fim, quanto a esta pequena resposta, ele antagoniza diante das mulheres, negros, índios, opositores políticos, instituições democráticas, nordestino, pobres, etc.

✓ A cereja deste texto está em tentar

revelar que Bolsonaro representa uma gama de mais de 58 milhões de brasileiros que, de certa forma, credibilizam suas práticas discursivas odiosas, daí produzindo a mais forte e delimitante *polarização político-discursiva*¹¹ pela qual nosso já passou: esquerda ou extrema-direita?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo/recorte dessa pesquisa foi delimitado às produções discursivas de intolerância de Bolsonaro nas redes sociais como Instagram, Facebook, Twitter, bem como a entrevistas concedidas a jornais, revistas e programas da TV aberta e fechada, todas elas atreladas à posição de poder e autoridade, ao uso contínuo de divulgação em massa de seus textos, considerando, ainda, compartilhamentos, mensagens de apoio e curtidas. Portanto, a produção discursiva dele tem seu domínio amplificado pelas mídias sociais como também pela posição de sujeito presidente do país.

Quanto à postura teórico-metodológica, este trabalho vestiu-se de uma visão crítico-teórica, tão comum aos analistas críticos do discurso, entretanto, não por se posicionar

contrário a determinado agrupamento político, pois a nossa tarefa foi analisar certo fenômeno discursivo de domínio público mundial, as produções da naturalização do discurso intolerante do presidente Bolsonaro, visto que os holofotes estão sobre ele há muito tempo.

Um aspecto necessário para um apontamento foi o que deixou claro que o lugar da naturalização dos discursos de intolerância de Bolsonaro está relacionado aos movimentos e manifestações sociais iniciados em 2013 e que se prolongaram até 2014, ano em que a direita acrescentou mais lenha e brasas à fogueira, trazendo à tona o sentimento de “patriotismo”, “nacionalismo” e o “mito da figura de Bolsonaro”. Tudo isso quer dizer que todas as produções discursivas estão imbrincadas com a produção social.

Ainda quanto ao aparato metodológico, foram utilizadas referências que traçaram o panorama das manifestações políticas e sociais da última década, com a finalidade de se compreender melhor o contexto social nacional, contexto sócio-político em que a figura central deste discussão surgiu com mais força e revestido da roupagem de “mito”. O que se pretendeu aqui foi analisar os meandros discursivos de naturalização da intolerância,

¹¹ Nas nossas primeiras análises, entendemos que não é apenas uma polarização de prática social política, mas, sobremaneira, de prática discursiva, compreendida esta como *produção* (Bolsonaro produtor), *consumo* (seus seguidores e apoiadores: quando curtem, comentam positivamente) e *distribuição* (quando seus seguidores das redes sociais compartilham). Essa prática discursiva estabelece uma rede de suporte à naturalização do ódio.

frente a mudanças sociais e de produção de sentido.

Discutimos as categorias da prática social, tomando como base as categorias de poder, hegemonia e ideologia. Entendemos, enfim, que a prática do discurso envolve uma ampla gama de condições sociais, que acabam influenciando e guiando tanto a produção discursiva quanto os aspectos sociais de interpretação. Nesse interim, foram inseridas muitas falas naturalizadas de disseminação de intolerância de Bolsonaro, visto que ele tem o alcance de milhões de pessoas, além de ser um grande alto-falante multiplicador/amplificador de tudo o quanto fala, considerando os milhões de seguidores em suas plataformas e mídias sociais. O *corpus* foi formado por textos escritos e falados veiculados nas redes sociais como Instagram, Facebook, Twitter, Youtube bem como veiculados por revistas, canais da TV aberta e fechada, e por vídeos.

REFERÊNCIAS

BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. M. Introdução. In: BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F de. (orgs.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2018.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (org.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27. Disponível em: <http://www.patrickcharauveau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>.

CHOULIARAKI, L. FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburg University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. Londres: Longman, 1989.

_____. **Media discourse**. Londres: Edward Arnold, 1995.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. A análise crítica do discurso e a mercantilização do Discurso público: as Universidades. In: MAGALHÃES, Célia (ORG). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

_____. **Analysing discourse**. Textual analysis for social research. Londres; Nova York: Routledge, 2003.

_____. A dialética do discurso. Tradução de Raquel Goulart Barreto. **Revista Teias** v. 11 • n. 22 • p. 225-234 • maio/agosto 2010.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso: explorando convergências e explicitando especificidades**.

Revista Estudos Linguísticos. V. 43, n. 3 (2014).

HALLIDAY, M. A. K. **El lenguaje como semiótica social** - La interpretación social del lenguaje y del significado. Fondo de cultura económica. México, 1979.

HEBERLE, Viviane M. **Análise crítica do discurso e estudos de gênero (gender): subsídios para a leitura e interpretação de textos.** In: FORTKAMP, Mailce B. M., TOMITCH, Lêda M. B. (Org). **Aspectos da linguística aplicada** – estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000.

MAGALHÃES, Célia (org). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. A análise do discurso e suas fronteiras. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.14, n.20, p.13-p.37, jan./jun. 2007.

PEDRO, Emília Ribeiro (org). **Análise crítica do discurso.** Lisboa: Caminho, 1998.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Análise crítica do discurso: do linguístico ao social no gênero midiático.** São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2008.

PEDROSA, Cleide. **ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO (ASCD): uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso PARTE 1: Herança teórica da Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social** Disponível em site geral: http://ascd.com.br/v1/?page_id=101. Artigo: http://ascd.com.br/v1/wpcontent/uploads/2015/11/CE_3.pdf.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa.** Campinas: Pontes, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/16380228/An%C3%A1lise_de_discurso_para_a_cr%C3%A1tica_o_texto_como_material_de_pesquisa.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares.** Campinas, SP: Pontes, 2009.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Análise de discurso crítica: uma perspectiva transdisciplinar entre a linguística sistêmica funcional e a ciência social crítica.** Disponível em https://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/53cda_resende_1069a1081.pdf acessado em 12 de outubro de 2020.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2008.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2001.

WACQUANT, Loïc J. D. **O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal.** *Rev. Sociol. Polit.* [online]. 2002, n. 19, pp.95-110. ISSN 1678- 9873. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782002000200007>.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. especial, 2004.